

**CRÍTICA TEATRO | VENENO**

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

# Autópsia do luto

O drama é sobre a incapacidade do ser humano em lidar com a dor, o veneno que abas-tece e entorpece as nossas vísceras, a partir das tragédias, pelas quais, por vezes, somos condenados a permanecer na catástrofe do ser. O texto psicológico da holandesa Lot Vekemans reflete as agruras de um ex-casal ao perderem o filho e a angústia no luto. A tradução de Mariângela Guimarães universaliza a obra.

A narrativa, tocante, parte do reencontro desses pais atravessados por um infortúnio e que tiveram seu casamento destroçado desde então, num dia chuvoso, na sala de espera do cemitério, onde o filho permanece enterrado há dez anos, ao receberem um aviso burocrático informando que o solo havia sido contaminado e devem remover os restos mortais. A notícia aciona dores e arquiteta um embate, revelando como cada um deles relaciona-se com a tortura. O tempo pode funcionar como remédio para anestésias a aflição, mas Ela conserva-se na melanco-

lia, enquanto Ele escamoteia seu padecimento com benevolência, estabelecendo um viés altruísta ao depara-se com sua ex-mulher. A surpresa que a autora reserva-nos é a prova de que estamos diante de uma escrita da melhor qualidade.

Há uma estética minimalista que corrobora para que a encenação não desague no melodrama, já que o material dramaturgic é demasiadamente intenso, além de afastar-se de um pensamento reducionista, apresentando duas ideias opostas absolutamente humanas. A direção, coletiva, opta por um palco quase nu, com mesa, cadeiras e um bebedouro, em que a água parece aliviar o ressecamento daquelas almas e corpos desnor-teados. O refinamento encontra-se no que não está dito, nos silêncios abomináveis repletos de subtextos tencionados, pelos quais a audiência perturba-se. É o que podemos denominar como “Teatro de Câmara”, com sutilezas sustentando a profundidade da montagem, que investe no trabalho dos atores.

O elenco aproveita o máximo do material que lhes foi conce-



Alexandre Galindo e Cléo De Páris interpretam um ex-casal que se reencontra para acompanhar a remoção do corpo do filho

dido. Como um bálsamo para nossos olhos e ouvidos, o casal constrói suas personagens com extrema veracidade, instituindo pausas que são verdadeiras pontes de emoção. Tudo foi devidamente ponderado para que pudessem evidenciar simplicidade, embora estejam teatralmente estofados.

Falas acavaladas, palavras que sobrepõem-se como regurgitações agonizantes expressam o talento de Alexandre Galindo e Cléo de Páris, amalgamando-se em cicatrizes incuráveis. Uma dinâmica interior luminosa é estabelecida quando contracenam, em cenas fartas de variações. O destempero dos dois, nos momentos certos, é conveniente e primoroso.

O figurino, de Fabiano Menna, investe na mesma paleta unindo o casal, enquanto a iluminação, coletiva, silhueta o esqueleto, com

lâmpadas frias tubulares, auxiliando a dureza do enredo.

Como elaborou Heidegger, o fato de que estamos voltados para o próprio abismo e finitude é, em essência, uma percepção da catástrofe iminente.

**SERVIÇO****VENENO**

Teatro CCBB (Rua Primeiro de Março, 66), de quarta a sábado e segundas (19h) e domingos (18h).

Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

**NA RIBALTA**

POR AFFONSO NUNES

Eliano Lettieri/Divulgação

**Máscaras cairão no voo**

O espetáculo “Voo 372” faz única apresentação nesta sexta (26), às 20h, no Teatro Armando Gonzaga, em Marechal Hermes. Com texto e direção de Eliano Lettieri, a montagem acompanha oito passageiros em um voo internacional. No ambiente confinado da aeronave, segredos começam a emergir, revelando conexões obscuras entre figuras envolvidas em esquemas ilícitos, contrabando e corrupção. Quando o avião pousa e os passageiros são mantidos isolados na pista, as máscaras sociais caem em uma atmosfera de suspense e crítica social.

Divulgação

**O patinho no sertão**

O espetáculo infantojuvenil “O Patinho Feio”, da Trupe Investigativa Arroto Cênico, inicia circulação por unidades do Sesc no estado. A próxima apresentação será neste domingo (28), às 16h, no Sesc Nova Iguaçu. A montagem adapta o clássico de Hans Christian Andersen em formato de cordel, com teatro, música ao vivo e elementos da cultura popular. A história é ambientada no sertão e conduzida por uma trupe mambembe de artistas. Desde a estreia, a produção já passou por 23 teatros e recebeu premiações nacionais.

Paty Lopes/Divulgação

**O medo se torna afeto**

Criado por Paty Lopes e com atuação de Marcelo Dog, “Abraça” encerra temporada neste domingo (28) no Teatro Ruth de Souza, em Santa Teresa. Voltada para bebês, crianças pequenas e suas famílias, a montagem propõe uma encenação sensorial com ritmos lentos, gestos ampliados e estímulos que respeitam a percepção dos pequenos espectadores. Em cena, uma cobra de quase oito metros é o elemento central da narrativa, em que o medo se transforma em afeto. O espetáculo incorpora acessibilidade com texto autodescritivo e Libras.